

Refrigerio

ISSN 2182-617X ANO 35
Número 185 - JUL/SET 2022

O que importa é vencer

06

Prioridades

16

**O sustento
de Paulo**

19

**Coragem para
dizer “não”**

Editorial

Uma tempestade

Após dois anos de pandemia (sem termos ainda a certeza da mesma ter acabado), e aliviados de confinamentos, máscaras e restrições, o ano de 2022 aproxima-se do fim sem grandes motivos de satisfação. À guerra que grassa na Ucrânia desde Fevereiro, juntou-se a crise energética e a inflação. A juntar a isto tudo, surge no horizonte de novo a ameaça nuclear. A capacidade de destruição em massa está de novo em cima da mesa, quando todos pensámos que isso não voltaria a acontecer. O clima de medo e insegurança poderá voltar a instalar-se no pensamento do mundo... parece avizinhar-se uma tempestade terrível.

Como devemos encarar este “clima”, como filhos de Deus? O episódio narrado em Mateus 8:23-27 dá-nos algumas pistas:

(1) Se nos colocarmos no lugar dos discípulos, é fácil identificar semelhanças com os momentos de angústia, aflição e medo que podemos viver. Quantas vezes, em situações adversas, não nos comportamos de maneira semelhante à dos discípulos? Quando “o mar de problemas” fica bravo ao ponto de lançar as suas ondas sobre o barco das nossas vidas.

(2) É aí que a mensagem proferida por Jesus se mostra tão poderosa e tão exemplificativa para o nosso quotidiano e, principalmente, para o futuro, seja ele sombrio ou não. Quando nos sentimos inseguros, doentes, angustiados e “à beira do penhasco”, Jesus diz simplesmente: -“Tenham fé! É apenas isso que necessitam!”.

(3) A tempestade, então, acalma e a tormenta cessa – não necessariamente a tempestade política, mundial, provocada por homens dominados pelo pecado, mas a tempestade no nosso interior, aquela que dá lugar à paz e à confiança plena no Senhor.

Assim, por maior que seja o problema, nosso ou do mundo, nada é maior que o poder transformador de Deus. Jesus está no barco. E não temos o que temer.

Duarte Casmarrinha

Índice

- 02** Editorial
- 03** O que importa é vencer
- 04** Aprendendo a ter contentamento
- 06** Prioridades
- 10** A corda e o gargalo
- 13** A incredulidade e a rejeição
- 16** O sustento de Paulo
- 19** Coragem para dizer “não”
- 23** Pastores à beira do abismo
- 24** Congresso Nacional de Jovens

Ficha técnica

Ano 35 Número 185 JUL/SET 2022 ISSN2182-617X | Periódico trimestral visando a informação e edificação do povo de Deus

Propriedade Comunhão de Igrejas de Irmãos em Portugal CIIP | Internet: www.refrigerio.ciip.pt | e-mail: refrigerio@ciip.pt

As igrejas afiliadas na CIIP caracterizam-se por: serem igrejas locais autónomas, com uma convicção e tradição de liderança plural na comunidade, comunhão aberta sem distinção de origens denominacionais, ênfase na liberdade do Espírito Santo no culto e serviço, expectativa da segunda vinda iminente do Senhor Jesus em glória, e no exercício livre do ministério através dos dons e talentos em vez da profissionalização de cargos eclesiais.

Editor: Duarte Casmarrinha | Design Gráfico e Paginação: João Silva | Revisão e Edição de Textos: Equipa Editorial | Endereço Jornal Refrigério: Refrigério – Largo da Cabine, No 100 – Madalena – 4405-732 Vila Nova de Gaia - Portugal | E-mail: refrigerio@ciip.pt | Versão digital: www.refrigerio.ciip.pt | Impressão Gráfica Monumento, Lda | Depósito legal: 21.402/88 | ISSN: 2182-617X impresso / 2182-6188 em linha | Tiragem: 1300 exemplares | Preço de cada exemplar: 2€ | Sustentado através de ofertas voluntárias.

Finanças: Agradecemos a todos os irmãos e igrejas que têm ajudado no sustento deste ministério. Envie a sua oferta para CIIP. Os cheques devem ser passados à ordem de CIIP. NIB: 0035 2145 0001 7614 9309 2 com a especificação do destino da oferta: para “Revista Refrigério”

©Copyrights - Autorizamos e incentivamos a divulgação, no todo ou em parte, dos estudos e artigos publicados, desde que a fonte seja citada. Os artigos assinados são da responsabilidade individual. Os artigos que não correspondam à linha doutrinária e informativa deste jornal, não serão publicados. À Comissão de Publicações do Dep. de Comunicações da CIIP assiste o direito de rejeitar publicidade que colida com as atividades das Assembleias de Irmãos.

Coord. Dep. De Comunicação: Joel Costa | Cada número do Refrigério tem um custo, apoie este ministério com a sua oferta



**Jayro
Gonçalves**

O que importa é vencer

“...somos mais que vencedores, por
meio daquele que nos amou”

Romanos 8:37

De quatro em quatro anos, o assunto prioritário a empolgar as massas é a realização das Olimpíadas [à altura em que este artigo é publicado é o campeonato do mundo de futebol]. Depois de longa e cuidadosa preparação, muitos países, preliminarmente selecionados, empregam-se ao máximo para conseguir a tão almejada vitória final. Todos os meios de comunicação preparam-se para transmitir cada competição, para todo o globo, como facto prioritário! Multidões mudam a rotina do dia a dia, fixando-se firmemente nas telas da televisão e nas transmissões radiofónicas que se espalham por toda a parte, participando do inusitado evento e torcendo com ardoroso entusiasmo para que o seu país seja vitorioso, em cada etapa e no final do evento. E a cada conquista segue-se uma movimentação louca e aturdida que, muitas vezes, ultrapassa os limites da normalidade. É a euforia dos que se sentem “mais que vencedores”. E, assim, a história repete-se, como se essa vitória periódica, tão ambicionada, fosse a mais importante a contemplar no cenário humano! Que triste ilusão!

No texto em Romanos 8:37 (leia Romanos 8:28-31), que acima mencionamos, Paulo faz alusão a uma “vitória” que é incomparável. Essa extraordinária menção paulina, expõe, com invulgar clareza, a segurança de uma “vitória” que nos foi outorgada pelo amor de Deus, através da fiel actuação redentora do Seu Filho bendito, o Senhor Jesus Cristo. Em que consiste essa “vitória”?

1. Uma vitória planeada por Deus - Paulo ensina que podemos ter a certeza de que tudo quanto nos acontece opera para o nosso próprio bem, se amarmos a Deus e estivermos nos ajustando aos Seus soberanos e eternos planos. A presciência de Deus, aí mencionada, significa que Ele determinou, desde a eternidade, amar e redimir a raça humana através de Cristo (João 3:16). Se o pecado arruinou o cenário de bênção da criatura de Deus, afastando o homem da Sua comunhão e destinando-o à perdição eterna, Deus mesmo planeou a redenção do pecador perdido e a sua restauração espiritual, através da vitoriosa obra fielmente realizada por Jesus Cristo, Seu Filho. Esse maravilhoso plano passa pelo nosso “chamamento” (Mateus 11:28), pela nossa justificação (Romanos 5:1) e pela nossa “glorificação”, que, embora futura, é tão

certa que pode ser considerada como algo já acontecido.

2. Uma vitória conquistada - Todos os que entram na competição pretendem conquistar a vitória. Mas só um a conquista. Como diz Paulo, em 1 Coríntios 9:24... *“todos na verdade correm, mas um só leva o prêmio”*. A “vitória” que Deus planeou para nós foi efetivamente conquistada. Se Deus está do nosso lado, quem é que pode estar contra nós? Não foi fácil conquistá-la, mas o Senhor Jesus conquistou-a apesar do preço que teve que pagar (1 Pedro 1:18-19). Deus, em nosso favor, não poupou nem o Seu próprio Filho, mas O entregou por todos nós. E isso garante-nos que Ele nos dá o melhor. A conquista da “vitória” de Cristo implicou, não só no efetivo resgate da condenação eterna, mas implica a posse das bênçãos espirituais que nos advêm da condição de redimidos. Como diz Paulo, em 1 Coríntios 15:54-55... *“Tragada foi a morte pela vitória. Onde está, ó morte, a tua vitória? Onde está, ó morte, o teu aguilhão?”*.

3. Uma vitória usufruída - Nada se compara ao prazer do usufruto da “vitória” planeada por Deus Pai e conquistada pelo Seu Filho, o Senhor Jesus Cristo, para nós! No texto acima, Paulo refere-se a distintos aspectos do usufruto dessa incomparável “vitória”:

- *Imunes à acusação* - Ninguém se atreve a acusar-nos, pois foi Deus quem nos perdoou, nos justificou e nos outorgou o direito de termos comunhão com Ele;

- *Imunes à condenação* - Ninguém nos pode condenar, nem Cristo, porque foi Ele quem morreu por nós e ressuscitou por nossa causa e agora está assentado no lugar de maior honra junto a Deus, rogando por nós lá no céu;

- *Imunes à separação do amor de Cristo* - Ninguém jamais pode ocultar de nós o amor de Cristo, razão e força da nossa “vitória”!

Que esmagadora, definitiva e eterna “vitória” o Senhor nos outorga! Digamos como Paulo: *“Graças a Deus, que nos dá a vitória por intermédio de nosso Senhor Jesus Cristo”* (1 Coríntios 15:57).

Para termos plena participação nessa “vitória” exercitemos a nossa firme convicção de Fé nas verdades que Deus nos revela em Sua bendita Palavra. Como afirma João *“Esta é a vitória que vence o mundo: a nossa fé”* (1 João 5:4).



Aprendendo a ter contentamento

Durante o ano de 2020, a área de Ontário (uma das províncias do Canadá) entrou em confinamento. Depois disso, experimentámos vários níveis de restrições relativas ao ajuntamento de pessoas, quer públicos, quer privados. Algumas dessas medidas foram muito sensatas, enquanto outras passaram longe de ser razoáveis. E depois disso veio um segundo confinamento. Sim, o confinamento era apenas temporário. Sim, a vacina contra o COVID estava disponível. Sim, os comentaristas na TV indicavam que teríamos algum tipo de regresso à normalidade no Verão (entre os meses de Julho e Agosto). Sim, a situação poderia ter sido muito pior. Enquanto eu percebo isto, ainda vejo que sentia como que se estivesse murmurando com a perspectiva de ainda outro confinamento.

Thomas Manton descreve o termo murmuração como “a escória ou o refugio do descontentamento.” De acordo com Jeremiah Burroughs, descontentamento é a falta de vontade de “submeter-se e deleitar-se com a vontade sábia e paternal de Deus, em todas as situações.” Colocando tudo junto, descobrimos o seguinte: a razão da nossa murmuração não foi a pandemia, nem as restrições impostas pelos governos, e nem qualquer outra circunstância da vida. A causa da nossa murmuração não é o que nos acontece ou ao nosso redor. A causa da murmuração é o que se está passando no nosso coração – nós murmuramos porque batalhamos contra o descontentamento, e lutamos contra o descontentamento porque recusamos nos submeter à vontade de Deus em cada circunstância da vida.

Tendo essa constatação em mente, tenho meditado nas palavras de Paulo em Filipenses 4:11, “porque aprendi a viver contente em toda e qualquer situação.” Eu quero ter condições de dizer o mesmo que Paulo. Desta forma, esta é a minha

questão: Como podemos aprender a estar contentes (em meio de um confinamento ou outra coisa qualquer)?

Antes de prosseguir quero deixar claro aquilo que eu não estou fazendo aqui neste artigo: não estou criticando as políticas governamentais a respeito do confinamento (ou mesmo a sua abordagem de maneira geral quanto a pandemia). Também não estou tratando os sérios problemas de longo prazo e dificuldades que um confinamento traz. Estes são assuntos importantes, e acredito que devemos pensar de maneira séria sobre eles. Mas não é isso que estou fazendo aqui neste artigo. Quero aqui considerar como eu (como um crente) posso “mortificar” a minha tendência a murmurar (reclamar, resmungar) quando as coisas ficam difíceis ou desagradáveis. Novamente, aqui está a minha questão: Como podemos aprender a estar contentes/satisfeitos?

(1) Praticando a gratidão

“Quanto ao mais, irmãos meus, alegrai-vos no Senhor” (Fp. 3:1).

Para que isso aconteça o evangelho deve estar ocupando o palco central das nossas vidas. Precisamos lembrar o amor de Deus ao prover o resgate do pecado e da morte eterna. Precisamos lembrar o que Cristo realizou na cruz do Calvário. Precisamos nos lembrar como Deus nos deu a fé salvífica em Cristo. Precisamos nos lembrar do dom que Deus tem nos dado através do Espírito Santo e da sua Palavra. Precisamos nos lembrar como Deus tem protegido e preservado a cada um de nós em situações que não foram nem perceptíveis para nós. Precisamos nos lembrar que Deus nos tem dado vida e respiração, comida e bebida, abrigo e provisão. Thomas Watson adverte: “Descontentamento é um pecado de ingratidão, porque nós temos muito mais misericórdias do que aflições.”

Se vamos aprender a ficar contentes, devemos, de forma



Stephen Yuille

consciente e consistente nos voltar para contar nossas bênçãos e praticar a gratidão.

(2) Cultivando uma mente celestial

“Pois a nossa pátria está nos céus, de onde também aguardamos o Salvador, o Senhor Jesus Cristo” (Fp. 3:20).

Investimentos podem-se “evaporar,” casas podem desmoronar, os empregos podem desaparecer, os relacionamentos podem ficar amargos, e a saúde pode falhar. Mas a esperança é a expectativa confiante de glória baseada na imutável Palavra de Deus. “Mas, se esperamos o que não vemos, com paciência o aguardamos” (Rom. 8:25). A nossa esperança é firmada no retorno de Cristo, na ressurreição dos mortos, no final e total livramento do pecado, e na renovação total do cosmos. A esperança torna essa certeza futura uma realidade presente, e isso se torna uma luz que penetra nas sombras. É imune a todas as doenças, ameaças, dores, preocupações, desafios e perdas. Que perspectiva gloriosa! “Deus fará o mais fraco e sujo de nós tornar-se uma criatura deslumbrante, radiante e imortal, pulsando com tanta energia, alegria, sabedoria e amor como não podemos imaginar agora, um brilhante espelho sem nenhuma mancha e que reflete de volta a Deus perfeitamente (embora,

é claro, em uma escala menor) o seu próprio poder ilimitado, deleite e bondade” (C. S. Lewis).

Se vamos aprender a estar contentes, devemos viver com a expectativa confiante de que o melhor ainda está por vir.

(3) Confiando na providência de Deus

“Porque vos foi concedida a graça de padecerdes por Cristo e não somente de crederdes nele”

(Fp. 1:29).

Este é um conceito muito difícil de entender: Deus “concedeu” aos primeiros crentes que eles deveriam “sofrer” por causa de Cristo. Deus realmente ordena nosso sofrimento? Sim. E ele promete operar “todas as coisas” (incluindo sofrimento) para nosso bem (Rom. 8:28). Por esta razão devemos “submeter-nos e deleitar-nos com a vontade sábia e paternal de Deus em todas as situações” (Jeremiah Burroughs).

Em primeiro lugar, fazemos isso porque Ele é sábio (Jó 21:22). A Sua sabedoria não é a nossa sabedoria, e os Seus caminhos não são os

nossos. O nosso conhecimento das coisas é severamente limitado, enquanto o conhecimento de Deus é absolutamente ilimitado.

Em segundo lugar, fazemos isso porque Ele é soberano (Jó 26:7-14). Ele não se perturba com o aparente caos no planeta terra. Ele não se inquieta, não entra em pânico e não se aflige. “Uma confusão selvagem pode reinar ao nosso redor, ainda assim os corações dos justos se alegram porque Deus não é - e não pode ser - destronado” (William Plumer).

Em terceiro lugar, fazemos isso porque Ele se importa conosco. “Humilhai-vos, portanto, sob a poderosa mão de Deus, para que ele, em tempo oportuno, vos exalte, lançando sobre ele toda a vossa ansiedade, porque ele tem cuidado de vós” (1 Ped. 5:6-7).

Se alguma vez vamos aprender a ser contentes, devemos gravar e estampar profundamente a maravilha do cuidado providencial de Deus nos nossos corações.

(4) Considerando Cristo como valioso

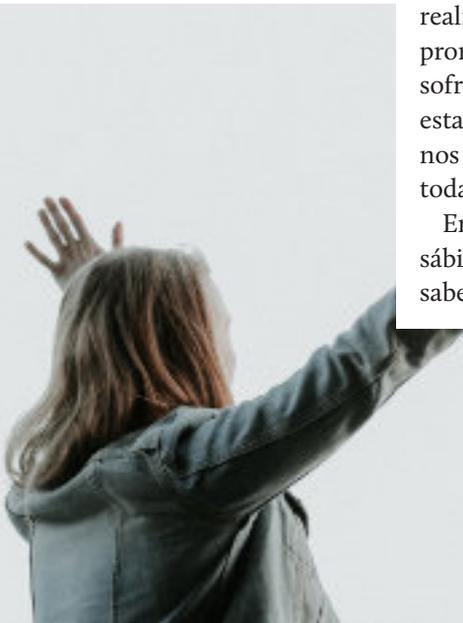
“Porquanto, para mim, o viver é Cristo, e o morrer é lucro” (Fp. 1:21).

Se dermos um valor desproporcional às coisas deste mundo, elas acabarão por capturar nosso coração. O problema é que eles não podem nos satisfazer porque não foram projetados para nos satisfazer. Como Jeremiah Burroughs escreve, “A razão de você não ter contentamento com as coisas deste mundo não é porque você não as tem o suficiente, mas porque elas não podem satisfazer sua alma imortal. Você é como um homem que tenta satisfazer sua fome abrindo a boca para engolir o vento. Ele acha que a razão de ainda estar com fome é porque ainda não engoliu vento suficiente.” Somente Cristo é de “valor incomparável” (Fp. 3:7-8). Ele é o maior bem, o amigo mais próximo, a mais rica graça, a maior honra, o melhor conforto, a mais fina beleza, a verdade mais profunda e o mais doce amor.

Se vamos aprender a estar contentes, devemos estimar todas as coisas em comparação ao valor inestimável de Cristo.

Foi isto que percorreu a minha mente enquanto enfrentávamos mais um confinamento – foram algumas semanas longas, sombrias, e frias (estávamos no inverno canadiano!). No final, oro para poder dizer junto com Paulo: “porque aprendi a viver contente em toda e qualquer situação” (Fp. 4:11).

A causa da nossa murmuração não é o que nos acontece ou ao nosso redor. A causa da murmuração é o que está se passando no nosso coração - nós murmuramos porque batalhamos contra o descontentamento e lutamos contra o descontentamento porque nos recusamos submeter à vontade de Deus em cada circunstância da vida





Prioridades

No capítulo 4 do Evangelho segundo Mateus, vemos Satanás conduzindo o Senhor Jesus a um alto monte e no capítulo 5 o Senhor Jesus levando Seus discípulos a um alto monte. O diabo mostrou todos os reinos do mundo ao Senhor enquanto o Senhor manifestou o reino de Deus aos Seus discípulos. O diabo apresentou muitos reinos, o Senhor apenas um. No relatório do evangelista Lucas, ele enfatiza que isto aconteceu “num momento” (Lc.4:5). Ele não queria que o Senhor examinasse cuidadosamente os reinos do mundo para contemplar a crueldade, impureza, injustiça, impiedade, depravação, avareza, tristeza, dor e a morte.

O Senhor Jesus, porém, não estava com pressa quando explicou os princípios do reino do céu. Ele apresenta os cidadãos do reino, as leis do reino, os privilégios do reino, as prioridades do reino, os inimigos do reino e a entrada ao reino. Ele queria que Seus discípulos entendessem perfeitamente as implicações destes ensinamentos. A repetição deste vocábulo **PRIMEIRO** revela algumas das prioridades do Seu reino.

*"Deixa perante o altar a tua oferta, vai **PRIMEIRO** reconciliar-te com teu irmão; e então, voltando, faze a tua oferta"* (Mt.5:24). Reconciliação vem antes da adoração.

*"Buscai, pois, em **PRIMEIRO** lugar, o seu reino e a sua justiça, e todas estas cousas vos serão acrescentadas"* (Mt.6:33). As coisas espirituais

são mais importantes que as materiais.

*"Tira, **PRIMEIRO**, a trave do teu olho e então verás claramente para tirar o arqueiro do olho de teu irmão"* (Mt.7:5). Irmãos espirituais são mais sensíveis que os carnais.

Analisando estas palavras iremos concluir que todos os cidadãos do Seu reino são preciosos. Ele quer que tenhamos um verdadeiro amor para com todos (veja João 13:34). Desobediência aos Seus mandamentos é pecado e por isso não podemos desprezar os nossos amados irmãos em Cristo sem sofrer as conseqüências. É claro que ninguém é perfeito, mas se falharmos teremos que resolver o mais rápido possível. O Senhor Jesus está ensinando aos Seus discípulos (Mt.5:1-2) e os discípulos de Cristo terão todo prazer em obedecer Seus ensinamentos.

Neste trecho o Senhor fala do privilégio mais alto que possa ocupar o filho de Deus na terra, o de adoração. Estes princípios se aplicam aos dias atuais. Deus procura hoje Seus adoradores, que O adorem em espírito e em verdade (Jo.4:24). Quando o Senhor Jesus foi tentado pelo diabo, Ele lhe disse: *"Ao Senhor teu Deus adorareis, e só a ele darás culto"* (Mt.4:10).

Fomos salvos para sermos Seus adoradores, mas se não estivermos em comunhão com os outros irmãos em Cristo, não teremos

André David Renshaw

*"Deixa perante o altar a tua oferta, vai **PRIMEIRO** reconciliar-te com teu irmão; e então, voltando, faze a tua oferta ..."*

Mateus 5:24

condições de apresentar a nossa adoração. **“PRIMEIRO reconcilia-te com teu irmão.”**

Repare bem que no contexto o Senhor Jesus não está falando dos irmãos inculpáveis (v 23). Estes irmãos, dos quais Ele fala, têm ofendido outros irmãos e por conseguinte eles “têm alguma coisa contra” nós. Por que será que o Senhor tratou deste assunto no contexto de adoração a Deus? Simplesmente porque a realidade é que enquanto estivermos ocupados com as perfeições do nosso amado Salvador e apresentando a nossa adoração, somos mais sensíveis aos pecados os quais têm ofendido o nosso Salvador e afetado os nossos amados irmãos em Cristo. É necessário que sejamos honestos e sinceros na presença do Senhor. Podemos enganar aos demais irmãos mas jamais ao Senhor. A nossa adoração não vale nada se não estivermos em comunhão com os nossos preciosos irmãos. Este é o princípio fundamental que o Senhor Jesus ensina em Mateus 5.

QUAL SERIA A SOLUÇÃO?

A Palavra de Deus nos orienta em tudo. O apóstolo João revela a necessidade de uma confissão sincera na presença de Deus. Confessar significa dizer a mesma coisa que Deus diz com respeito ao pecado: *“Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça”* (1Jo.1:9).

Uma vez perdoados teremos condições de apresentar a nossa adoração como sacerdotes. Aqui é a primeira prioridade do Sermão do Monte. É essencial que amemos os nossos irmãos e os valorizemos na Obra do Senhor. Se houver necessidade de uma reconciliação não perca tempo, irmão. *“Deixa perante o altar a tua oferta, vai PRIMEIRO reconciliar-te com TEU IRMÃO”*. Se negligenciarmos, não teremos condições de sermos Seus adoradores em espírito e em verdade.

Portanto, não vos inquietais, dizendo: Que comeremos? Que beberemos? Ou: com que nos vestiremos? Porque os gentios é que procuram todas estas coisas, pois vosso Pai celeste sabe que necessitais de todas elas; buscai, pois, em PRIMEIRO lugar, o seu reino e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas” - Mateus 6:31-33.

Uma advertência que precisa ser enfatizada é a de que os cuidados deste mundo, a ilusão do conforto, acrescida da cobiça por mais coisas, sufocam tudo o que Deus puser em nós. Quando o problema não é com alimento, sustento e vestuário, vem sob a forma de dinheiro ou da falta dele; de companheiros ou de falta deles; ou de circunstâncias desagradáveis e difíceis. É uma constante

preocupação o tempo todo e, a menos que deixemos que o Espírito de Deus fortaleça os nossos corações contra essas coisas, elas virão como uma inundação.

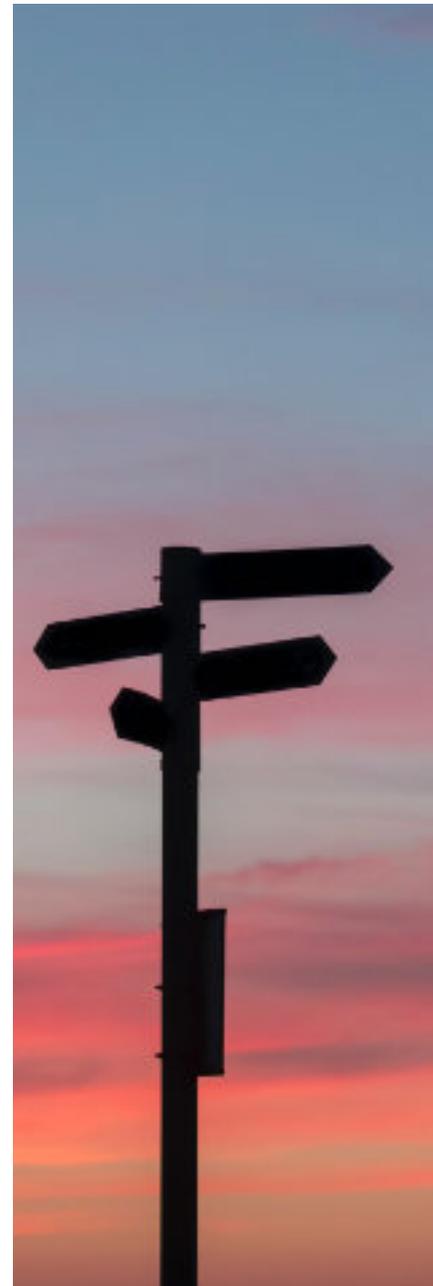
O Senhor Jesus estava conversando com os discípulos recém-designados quando disse as palavras citadas acima. Eles tinham deixado suas famílias e seus empregos para seguirem ao Senhor Jesus e uma das primeiras lições que aprenderam foi esta: “Eu sou o Pão da Vida; o que vem a mim jamais terá fome; o que crê em mim, jamais terá sede” (João 6:31).

Se tivermos talentos, dons e saúde razoável teremos que usar as nossas capacidades no nosso serviço reconhecendo que Ele tem providenciado tudo. “Enquanto durar a terra, não deixará de haver sementeira e ceifa, frio e calor, verão e inverno, dia e noite” (Gn.8:22). Ele conhece as nossas necessidades. Mesmo assim Ele quer que as apresentemos como Ele ensinou na Sua oração dominical. “O pão nosso de cada dia dá-nos hoje” (Mt.6:11). Após apresentarmos as nossas petições e súplicas a vontade dEle é inconfundível: “Não vos inquieteis, dizendo: Que comeremos? Que beberemos? ... vosso Pai celeste sabe que necessitais de todas elas.” (v. 31).

- “Observai”, diz o Salvador, “as aves do céu”. O principal objetivo das aves é obedecer ao princípio de vida que está nelas, e o Criador cuida delas. O que o Senhor Jesus quer dizer é que, se estivermos num relacionamento íntimo com Ele e obedecermos ao Seu Espírito, que está em nós, Deus cuidará das nossas necessidades.

- “Considerai ... os lírios do campo”. O que chama a nossa atenção é o crescimento deles. Muitos se recusam a crescer, conseqüentemente acabam por não lançarem raízes em parte alguma. O Salvador diz que, se vivermos de acordo com a vida que Deus nos deu, Ele cuidará de todas as outras coisas. Quanto tempo levamos aborrecendo Deus com perguntas, quando deveríamos estar completamente livres para nos concentrarmos em Seu trabalho? Consagrar-se significa estar continuamente se separando para determinada coisa. Será que estamos continuamente nos consagrando a buscar a Deus todos os dias da nossa vida?

- “Buscai ... em primeiro lugar, o seu reino ...”. Preocupa-se apenas com uma coisa, diz o Senhor, com o Seu relacionamento conosco. Esta palavra “buscar” tem um significado importantíssimo na Bíblia, como os trechos seguintes revelarão: Mateus 28:5 – “o anjo, dirigindo-se às mulheres, disse: Não temais: porque sei que buscais a Jesus, que foi crucificado”. Marcos 1:37 – “Tendo-o





encontrado, lhe disseram: Todos te buscam”. Lucas 15:8: “Ou qual é a mulher que tendo dez dracmas, se perder uma, não acende a candeia, varre a casa e a procura diligentemente até encontrá-la?” Estas pessoas tinham algo em comum. Estavam buscando incansavelmente o objeto desejado e não iriam desistir até encontrá-lo. O “bom senso” hoje grita alto e diz: “Eu tenho que pensar em como vou viver, tenho que pensar no que vou comer e beber”. Mas o Senhor Jesus diz que não, porque somos cidadãos de um outro reino.

ONDE ESTÁ O SEU REINO?

Este mundo tenebroso é governado hoje pelo “príncipe do mundo” (João 14:30), uma referência a Satanás. Mas logo no começo deste Evangelho, Mateus, anunciando o Salvador, disse: “Arrependei-vos, porque está próximo o reino dos céus” (Mt.3:2). Este é o domínio do céu sobre a terra. João estava preparando o caminho do Senhor, o Rei.

Em Lucas, capítulo 10, o Senhor Jesus envia Seus servos com algumas instruções específicas, dizendo: “Quando entrardes numa cidade e ali vos receberem, comei do que vos for oferecido. Curai os enfermos que nela houver, e anunciai-lhes: A vós outros está próximo o reino de Deus” (Lc.10:8-9). O Senhor Jesus na presença do governador Pilatos, enfatizou a importância da Sua posição, dizendo: “O meu reino não é deste mundo. Se o meu reino fosse deste mundo, os meus ministros se empenhariam por mim, para que não fosse eu entregue aos judeus; mas agora o meu reino não é daqui” (Jo.18:36).

Buscar o Seu reino é buscar o Rei. Procurar o Seu reino significa fazer a Sua vontade e glorificá-Lo através da nossa vida, pois Ele é o único que é digno de ser obedecido. O Senhor Jesus queria que Seus discípulos O colocassem em primeiro lugar em suas vidas. Que individualmente saibamos dizer: “convém que Ele cresça e que eu diminua”.

“Hipócrita, tira PRIMEIRO a trave do teu olho e então verás claramente para tirar o argueiro do olho de teu irmão ...” - Mateus 7:5

Neste trecho em foco vemos a importância de uma auto-análise das nossas vidas individuais. No capítulo 5 o Senhor Jesus analisa a possibilidade de ofender um outro irmão. Aqui no capítulo 7 Ele considera uma outra atitude completamente diferente e mostra como eu posso ajudar em vez de criticar.

O capítulo começa com este aviso solene: “Não julgueis, para que não sejais julgados” (Mt.7:1). Esta expressão não é uma proibição absoluta e irrestrita ao julgamento ou avaliação de outros. Vários trechos do Novo Testamento mostram que em algumas circunstâncias é necessário e essencial analisar e, se for necessário, condenar o comportamento de uma outra pessoa. Mas o trecho em foco condena a atitude injusta de alguém criticando uma outra pessoa desnecessariamente.

O apóstolo Paulo no tratamento clássico do Novo Testamento apresenta o perigo de tal atitude e a condena dizendo: “Portanto és INDESCULPÁVEL quando julgas, ó homem, quem quer que sejas, porque, no que julgas o outro, a ti mesmo te condenas, pois praticas as próprias cousas que condenas. Bem sabemos que o juízo de Deus é segundo a verdade, contra os que praticam tais cousas” (Rm.2:1-2). Escrevendo sua primeira carta aos Coríntios ele explica: “Todavia, a mim mui pouco se me dá de ser julgado por vós, ou por tribunal humano; nem eu tampouco julgo a mim mesmo ... pois quem me julga é o Senhor” (1Co.4:3-4). Ele está afirmando que tinha consciência limpa, mas que o juízo definitivo ficava por conta do Senhor.

O Senhor usa uma ilustração para explicar. Ele apresenta dois irmãos (veja v 3). A visão de um está impedida por um “argueiro”, algo muito pequeno, uma partícula, enquanto a do outro está afetada por uma “trave”. Em ambos os casos estão sendo prejudicados e não conseguem enxergar adequadamente. O

argueiro pode ser despercebido, mas não a trave. A pessoa com o argueiro no olho percebe a presença dele e quer que seja removido o mais rápido possível. Portanto, o irmão que tem a trave não a percebe e nem sabe como tirá-la. O Senhor está dizendo que o irmão espiritual que tiver um defeitinho quer que seja resolvido rapidamente enquanto o irmão carnal cujo comportamento é realmente censurável não mostra a mínima preocupação.

“PORQUÊ? E COMO?”

Ao irmão que tem a trave o Senhor faz duas perguntas, “Por que?” (v 3), e “Como?” (v 4). Analisando os versículos, fica perfeitamente claro o que o Senhor queria saber: 1) Por que você se preocupa com o argueiro dele e não percebe a sua trave? 2) Como ajudaria o teu irmão quando está numa situação pior do que a dele?

A trave representa esta atitude lamentável de querer criticar e julgar outros. No que diz respeito a julgar, o Senhor está dizendo: “Não o faça”. A crítica faz parte das faculdades comuns do homem, mas no campo espiritual, nada se consegue através da crítica. A crítica sempre provoca a destruição dos potenciais daquele que é criticado. O Senhor é o único que está em condições de avaliar e só Ele é capaz de mostrar o que está errado sem magoar ou machucar. Não é possível estar em comunhão com o Senhor quando não estiver em comunhão com os demais irmãos. O espírito crítico nos torna vingativos e duros e nos deixa com a impressão de que somos superiores.

Estes ensinamentos do Senhor Jesus tocam profundamente em nossos corações. Se eu estiver vendo o argueiro em seu olho, significa que provavelmente algo está errado comigo.

Tudo o que vejo de errado em meu irmão, o Senhor o encontra em mim. Todas as vezes que julgo alguém, condeno-me a mim mesmo.

Chega de criticarmos a vida dos outros irmãos. Sempre existe na vida dos outros algumas circunstâncias que não conhecemos. Se você tem tido muita facilidade em descobrir os defeitos dos outros, lembre-se de que essa será exatamente a medida que se aplicará a você.

Romanos 2 aplica esse princípio de uma forma clara e inconfundível, e afirma que aquele que critica o outro é culpado da mesma coisa: “... és indesculpável quando julgas, ó homem, quem quer que sejas, porque, no que julgas a outro, a ti mesmo te condenas, pois praticas as próprias coisas que condenas. Bem sabemos que o juízo de Deus é segundo a verdade, contra os que praticam tais cousas...” (Rm.2:1-2). Deus não olha apenas para o ato, Ele examina os motivos também e considera as possibilidades.

A grande característica do servo de Deus é a humildade. Que sejamos sinceros e humildes. O Senhor Jesus diz: “Não julgueis, para que não sejais julgados”. Quem dentre nós ousaria apresentar-se diante de Deus, dizendo: “julga-me como tenho julgado os meus irmãos”? Se o Senhor tivesse nos julgado desse modo, estaríamos numa situação realmente difícil.

Temos considerado três prioridades dos ensinamentos do nosso Amado Salvador. Se obedecermos a primeira estaremos em condições de preservarmos a nossa comunhão com Deus. Colocando em prática, as duas últimas nos darão capacidade para apreciarmos os demais irmãos que são membros do corpo de Cristo e preciosíssimo aos olhos do Senhor. Que o Senhor nos ajude.





A corda e o gargalo



**José Carlos
Jacintho de
Campos**

Certa feita li uma crónica que relatava acerca da grande proeza de um equilibrista que fez a travessia das cataratas do Niagara empurrando, sobre uma corda bamba, um pesado carrinho de pedreiro cheio de cimento. Sem dúvida foi um grande feito dada a grande distância existente de um extremo ao outro, levando-se em conta as naturais dificuldades como a grande turbulência existente no vão livre daquela enorme queda d'água. Pela notoriedade da proeza houve grande cobertura da imprensa.

Ao completar a travessia, e nem ainda tinha retomado o fôlego pela conquista daquilo que muitos julgavam impossível de ser realizado, o equilibrista foi abruptamente abordado por um repórter que de imediato procurou entrevistá-lo a fim de conseguir uma reportagem em primeira mão e enaltecer o realizador de tão grande façanha.

Durante a entrevista o equilibrista procurou demonstrar a confiança que tinha naquilo que realizava, e para provar isso convidou aquele repórter para retornar com ele para a outra extremidade, só que agora o entrevistador seria

a carga que iria no carrinho de mão. O repórter, apavorado com aquela hipótese, retirou-se desaparecendo no meio da multidão.

Como se vê, uma coisa é falarmos da possibilidade de algo que pode ser realizado e outra coisa bem diferente é crermos na pessoa que irá executá-lo. Aquele repórter acreditava no facto, mas não tinha total confiança naquele que efetuava o acto.

De certa forma podemos afirmar que isso também ocorre com respeito à obra missionária. Muitos estão dispostos a falar, a escrever, mas na hora de “correr o risco” acabam demonstrando extrema fraqueza por absoluta falta de confiança nAquele que disse para que não nos entregássemos às inquietações desta vida porque o nosso Pai sabe de todas as nossas necessidades e Ele Se agradou em nos dar o Seu Reino (Lucas 12:29-32).

Louvo a Deus por aqueles que aceitam o desafio, que para muitos é uma “corda bamba”, e se lançam confiantes na carreira que o Senhor lhes tem proposta e, pela fé, sem darem conta às naturais inquietações, fazem a travessia do seu consagrado ministério, simplesmente pelo fato

de terem a coragem de viver pela fé, não por depositarem sua confiança nos homens ou nas instituições humanas, mas somente no Consumador e Autor da nossa fé, o Senhor Jesus.

Por sua vez, aqueles, que não são chamados para essa “travessia”, têm que viver na mesma confiança de que tudo que possuem provém de Deus, pois nada que possuímos é nosso, mas dAquele que nos outorgou graciosamente todas as coisas, juntamente com o Senhor Jesus, tendo em mente que somos apenas administradores daquilo que o Senhor colocou em nossas mãos.

É aí que a “corda fica bamba”! Pelo fato de se colocar a confiança nas incertezas da posse de recursos financeiros, quer sejam fartos quer sejam parcos, a grande verdade é que muitos se angustiam pela ansiosa solicitude da vida. Muitos pensam assim: “se eu abrir mão das minhas reservas materiais como ficará o meu amanhã quando eu não puder mais juntar”? Loucura, diz o Senhor Jesus, “de quem será o que tens preparado quando pedirem a tua alma, pois entesoura para si mesmo e não é rico para com Deus” (Lucas 12:20-21).

Fora do Senhor não há certezas nem recompensas! “Debaixo do sol” nem sempre o prêmio é dos mais ligeiros, nem dos corajosos a vitória, nem dos sábios o pão, nem dos prudentes a riqueza, nem tão pouco dos entendidos o favor; porém tudo depende do tempo e do acaso, pois o homem não sabe a sua hora ou o tempo da calamidade que de repente cai sobre si (Eclesiastes 9:11-13).

Em Eclesiastes, o “Pregador” procura demonstrar o fracasso das tentativas de dar-se significado à existência humana pela experiência do materialismo, revelando as suas próprias experiências de que o trabalho duro também não traz satisfação. Mesmo que ele trabalhasse a vida toda e se esforçasse por conhecer e executar muitas coisas iria deixar tudo que juntou para alguém que talvez nunca tivesse trabalhado na vida! Isso além de ser uma tolice é injusto. O que é que um homem recebe como recompensa por toda a sua fadiga neste mundo? Muitas dores e tristezas, noites mal dormidas e cheias de preocupações. Que ilusão, que vida inútil, tudo é vaidade, é correr atrás do vento, assevera o sábio.

Quando ele descreve acerca da tentativa fracassada da experiência da fortuna ele conclui que quem ama o dinheiro dele não se fartará; nem o que ama a riqueza se fartará do ganho; também isto é vaidade (Eclesiastes 6:10). A avareza é de fato idolatria e é tão pernicioso como a prostituição, a impureza, a lasciva e o desejo maligno (Colossenses 3:5). Em sua suma conclusiva o “Pregador” conclui: “Teme a Deus, e guarda a seus mandamentos; porque isto é o dever de todo homem” (Eclesiastes 12:13).

Verdadeiramente devemos viver pela fé e não na “corda bamba” da flutuação dos recursos financeiros. Em nenhuma hipótese devemos depositar a nossa confiança na instabilidade da riqueza, mas em Deus que tudo proporciona para o nosso aprazimento, desde que pratiquemos o bem e sejamos ricos em boas obras, generosos em dar e prontos a repartir (1Timóteo 6:17-18).

Um exemplo notável dessa provisão lemos no capítulo 17 de 1º Reis, quando Elias compareceu na presença de Acabe, rei de Israel à época, e predisse perante o rei que haveria uma grande seca e nenhuma chuva ou sequer o orvalho haveria de cair naqueles anos do seu reinado.

Ora, a seca não faz acepção de pessoas, ela atinge os crentes e os incrédulos. Era mais do que evidente que Elias também seria atingido pela escassez que se avizinhava. Porém, ele confiava absolutamente nAquele a Quem servia. Veio-lhe a Palavra do Senhor dizendo para que se retirasse dali e fosse para junto da torrente de Querite, pois ele se manteria com aquela água e quanto à comida os corvos seriam ordenados para que o sustentassem.

De facto as suas refeições eram assiduamente servidas pelos corvos, que não falharam um dia sequer, e a água lhe era fresca e abundante. Enquanto ao seu redor a aflição era uma cruel realidade, lá estava ele no gozo das provisões de Deus. Porém, se ele confiasse tão somente naquilo que via, poderia ter uma grande decepção, pois, com o passar dos dias, aquela torrente secou porque havia tempo que não chovia sobre a terra.

Assim como ocorre com muitos em nossos dias, que ficam demasiadamente preocupados com a possibilidade da “seca do seu riacho monetário”, Elias



poderia naquele momento entrar em desespero e se lamentar por não ter guardado o necessário para quando ocorresse aquela hipótese. Todavia, isso não aconteceria com ele porque ele se dispunha em ouvir e confiar no Senhor que, por Sua vez, deseja que Seus servos vivam exclusivamente e voluntariamente na Sua dependência.

Sem demora veio a Elias a Palavra do Senhor orientando-o para ir a Serepta onde uma mulher viúva o sustentaria. Eu fico a imaginar o que poderia ter passado nas nossas cabeças naquele momento? Que condições haveria para uma viúva pobre sustentar alguém, pois, certamente, não tinha condições de se sustentar a si própria, ainda mais que uma enorme miséria estava instalada naquela região face ao grande período de seca.

Quando se confia no Senhor não se argumenta, faz-se! Deus realizou ali um grande milagre, de porção dobrada, pois além de sustentar a Elias também salvou aquela pobre viúva e seu filho que certamente clamavam a Ele para que os acudisse naquele momento de grande dificuldade.

Uma vida de fé debruça-se exclusivamente no compromisso e na comunhão que se tem com Deus. Quando Jesus e Pedro tiveram que pagar tributo e não tinham como pagar, Ele providenciou a provisão necessária através de um peixe; quando uma viúva estava prestes a vender os seus próprios filhos como escravos, por meio de Eliseu, Deus multiplicou o seu azeite pelo resto da sua vida; quando a viúva pobre colocou aquelas duas moedinhas, tudo que tinha, no gazofilácio do templo, certamente ela assim o fez porque cria naquele que tinha o poder de abrir as janelas do céu e derramar bênçãos sem medida; quando no início da igreja primitiva as necessidades materiais exacerbavam, surgiram servos como Barnabé que se dispuseram em contribuir com liberalidade, generosidade e voluntariamente para que não houvesse falta de recursos para que aquela Obra se desenvolvesse e chegasse até nós e viéssemos a conhecer e a receber a Jesus como o nosso único, verdadeiro e

suficiente Salvador.

Por certo você já tenha ouvido ou lido acerca da narrativa das duas garrafas com gargalos diferentes, que são usadas para ilustrar como Deus recompensa aqueles que são generosos para com a Sua gloriosa Obra, mas não custa repeti-la aqui. Imagine duas garrafas cheias de areia, uma de “gargalo largo” e a outra com “gargalo estreito”. Ao virar-se a de gargalo maior, é evidente que o seu conteúdo irá se esvaziar mais rapidamente, ao passo que a de gargalo estreito irá escoar de forma mais “econômica”. Há quem afirme que a grande maioria dos crentes são de gargalo estreito, que de facto contribuem, mas não o fazem na abundância que o Senhor deseja.

Agora imagine o inverso! Reverta o processo e mentalize você colocando a areia de retorno às garrafas. Certamente a de gargalo largo irá se encher rapidamente, ao passo que a de gargalo estreito irá demorar demasiadamente e haverá grande desperdício, pois boa parte da areia cairá fora da garrafa e a operação terá que ser repetida várias vezes até que ela se encha por completo. Assim são as bênçãos do Senhor, àquele que dá liberalmente, abundantemente, ainda mais lhe será acrescentado, pois a alma generosa prosperará, ao passo que aquele que retém ou é moroso em dar, lhe será em pura perda, pois deixará de experimentar em sua vida o que o Senhor lhe tem preparado ainda neste presente século (Provérbios 11:24-25).

Amados irmãos, a nossa vida deixa de ser uma “corda bamba” na medida em que confiamos exclusivamente no nosso Deus maravilhoso, que com Cristo nos dá graciosamente todas as coisas que precisamos (Romanos 8:32).

Sejamos, pois, como uma garrafa de “gargalo largo” para que a reciprocidade de Deus seja abundante em nossas vidas, não pense somente na “saída do gargalo”, mas confie na “entrada” que se torna abundantemente propícia na medida em que o “nosso gargalo” se torna largo. Sê, portanto, generoso em suas dádivas à gloriosa Obra do nosso Senhor, pois isso é agradável a Deus. Permita Deus que assim seja!



A Incredulidade e a Rejeição

Uma reflexão em Mateus 11

**R. David
Jones**

Tendo enviado os Seus apóstolos para anunciar as boas novas do Reino aos judeus, o Senhor Jesus voltou a ensinar e pregar nas cidades da Galileia. João Batista estava encarcerado, e mandou alguns dos seus discípulos para perguntarem ao Senhor se Ele era de facto Aquele que havia de vir (o Messias), ou se esperavam outro.

À primeira vista, parece que João Batista estaria a ficar desanimado, e já duvidava da identidade do Senhor Jesus, apesar da clara identificação feita por ocasião do batismo. Por outro lado, existe a possibilidade que ele quis que eles obtivessem a confirmação direta do Messias para benefício deles próprios. É de se notar a maneira sigilosa em que foi fraseada a pergunta.

A resposta do Senhor também não foi directa, mas ordenou que eles fossem contar a João os sinais que Ele fazia, em cumprimento das profecias que identificavam o Messias que havia de vir (Isaías 35:5,6, 53:4 e 61:1). A ressurreição dos mortos não é citada nessas profecias, e consiste num sinal ainda mais evidente do Seu poder. Em seguida, enquanto eles saíam, Ele declarou a grandeza da missão desenvolvida por João Batista, que era a de preparar o povo para a Sua vinda (cumprindo a profecia de Malaquias 3:1). Entre os homens nunca houvera alguém maior que João Batista, que era ainda mais do que profeta.



Todavia, o menor no Reino dos céus é ainda maior do que ele! Esta é uma declaração surpreendente. O Senhor Jesus não estava falando do caráter de João Batista, mas da missão que lhe fora dada. Ser um cidadão do Reino dos céus é um privilégio maior do que o de ser quem anuncia a chegada do Messias. João não viveu para apreciar as bênçãos de que gozam os crentes aqui na terra, pois foi morto por Herodes enquanto ainda estava na prisão.

O significado da expressão feita a seguir: "E, desde os dias de João Batista até agora, se faz violência ao Reino dos céus, e pela força se apoderam dele" (v.12) não é bem claro: quem se apoderava do Reino pela força desde João Batista? No original, o verbo "se faz violência" pode estar tanto no presente como no passado, e os sentidos são diferentes. No passado a ideia é que o Reino é tomado violentamente, como uma cidade conquistada. No presente, o significado pode ser "passa por violência" ou "força a sua passagem". De maneira geral entende-se que a pregação de João Batista fez com que surgisse uma pressão violenta e impetuosa ao redor do Senhor Jesus e dos Seus discípulos. Este é o sentido em Lucas 16:16... "e todos tentam forçar sua entrada nele (no Reino de Deus)".

Todo o Velho Testamento, com as suas profecias, previa a vinda do Messias. João Batista veio para anunciar o cumprimento dessa previsão. Na profecia de Malaquias, está anunciado que Elias

viria como precursor (Malaquias 4:5). Se o povo tivesse aceitado o Senhor Jesus como o Messias, João Batista teria assumido o papel de Elias, e o Messias teria livrado o povo para fazer dele uma poderosa nação, como o povo estava esperando. João não era Elias, como ele próprio disse (João 1:21), mas "foi adiante do Senhor no espírito e poder de Elias" (Lucas 1:17).

Nem todos compreendiam essa realidade, e é por isso que o Senhor diz "Aquele que tem ouvidos, ouça!" Era necessário prestar muita atenção a essa revelação: sendo João Batista o precursor, o Senhor Jesus era de fato o Messias de Deus, e o povo devia aceitá-lo e obedecê-lo. Mas aquele povo não estava disposto a ouvir o testemunho de João Batista, nem se convencia com as provas irrefutáveis dadas pelo Senhor Jesus. Era um povo rebelde, que o Senhor Jesus comparou com crianças que se recusam a ficar alegres com o som da flauta, ou tristes com o canto de um lamento: diziam que João tinha demônio por causa da sua austeridade e solidão, e que o Senhor era devasso porque se alimentava normalmente e era muito sociável.

O Senhor Jesus era a sabedoria personificada (1 Coríntios 1:30). Tudo o que Ele fazia estava em conformidade com quem Ele era, a despeito das blasfêmias e insinuações maldosas que vinham do povo. Os sinais que Ele fazia, e a transformação no caráter daqueles que O seguiam eram provas incontestáveis da Sua



personalidade divina.

As cidades da Galileia foram muito privilegiadas com a presença do Senhor, e o privilégio trouxe-lhes responsabilidade pelo tratamento que lhe davam. O Senhor Jesus acusou-as de não se terem arrependido, apesar de todos os sinais que havia feito entre elas. Por isso Corazim e Betsaida onde ele fora rejeitado serão tratadas com mais rigor no dia do juízo do que as cidades de Tiro e Sidom, condenadas por Deus por causa da sua idolatria e maldade: estas teriam se arrependido se os milagres realizados nas primeiras tivessem sido realizados nelas. Também haverá menos rigor para Sodoma do que para Cafarnaum: esta pensava que ia para o céu, mas vai descer até o Hades, enquanto Sodoma não teria sido destruída se os sinais feitos em Cafarnaum tivessem sido feitos nela.

Além destas cidades, havia outra cidade de projeção na Galileia: Tiberíades. Depois de todos estes séculos, as cidades de Corazim e Betsaida desapareceram sem deixar vestígios, e a localização exata da cidade de Cafarnaum não é mais conhecida. Mas Tiberíades ainda está em seu lugar, pois o Senhor não disse nada contra ela. Essa é mais uma prova da onisciência de Cristo, e da inspiração da Bíblia. O Senhor Jesus sabia que a rejeição por parte dessas cidades era uma indicação da rejeição que viria da nação inteira, representada pelo seu governo religioso e civil. Mas ser rejeitado pelos "sábios e cultos" não era surpresa para Ele, portanto não ficou desanimado ou enfurecido. Ele sabia que seria recebido através dos tempos por multidões de "pequenos" humildes e dispostos a tê-Lo como Senhor das suas vidas. Por isto Ele louvou a Deus.

Os que são orgulhosos da sua posição e conhecimento, mas que rejeitam o Evangelho de Cristo, não vão encontrar a verdadeira sabedoria e conhecimento que vem de Deus, pois Deus os

esconderá deles. Mas Deus os revela aos pequeninos, os de coração humilde, que desejam aprender d'Ele e com Ele. O relacionamento existente entre o Pai e o Filho está além da nossa compreensão humana, mas o Senhor Jesus aqui diz que "ninguém conhece o Filho a não ser o Pai, e ninguém conhece o Pai a não ser o Filho e aqueles a quem o Filho O quiser revelar." Somente o Filho pode nos revelar o Pai.

O Senhor Jesus finalmente faz um convite a "todos os que estão cansados e sobrecarregados". No ambiente em que se encontrava, da subjugação do povo pelos sacerdotes e juristas da lei mosaica, este era um convite à libertação do pesado fardo moral e religioso que carregavam. Em termos mais amplos, o convite é feito a todos os que se acham debaixo do jugo dos inimigos do homem: a carne, o mundo e o diabo. O Senhor Jesus, e só Ele, Se dispõe a dar descanso para as suas almas, e a dar o ensino de que todos precisam. Ele é manso e humilde de coração, ao contrário dos rabinos daquela época, e dos falsos sacerdotes e mestres de religião dos nossos dias. O Seu jugo é suave e o seu fardo é leve. Note-se que existe um jugo e um fardo.

Jugo é um instrumento para juntar dois animais no seu trabalho. É aqui usado como figura da vida em Cristo: Ele oferece-se a acompanhar-nos na nossa vida, ajudando-nos a passar por todas as experiências que defrontamos, tornando a nossa experiência suave. Existem problemas, tribulações, trabalhos e tristezas na vida cristã, mas com Cristo eles serão vencidos muito mais facilmente.

O fardo consiste nas obrigações a cumprir. Muitos não querem receber a Cristo como seu Senhor e Salvador porque preferem continuar nos seus vícios e maus costumes. Mas desejaremos viver uma vida de retidão alegremente quando realmente amarmos ao Senhor e veremos então como o seu fardo é mesmo leve.





**William J.
Watterson**

O Sustento de Paulo

Há muitos séculos atrás, um fariseu salvo pela graça de Deus foi chamado pelo Espírito Santo para pregar o Evangelho (Atos 13:2). Diz a Bíblia que a igreja onde ele se reunia, em Antioquia, o “despediu”, isto é, livrando-o de todas as responsabilidades que ele tinha naquela igreja local, deu-lhe toda liberdade para partir em obediência ao chamado do Senhor.

“E assim”, diz a Bíblia, Paulo e Barnabé, “enviados pelo Espírito Santo, desceram a Selêucia e dali navegaram para Chipre” (Atos 13:4). Foram seguindo as estradas principais do Império Romano, pregando o Evangelho em cada cidade pela qual passavam. Avançaram até chegar a Derbe (Atos 14:20), na fronteira oriental do vasto Império romano, e então voltaram pelo mesmo caminho até Atália, de onde embarcaram num navio rumo a Antioquia, de onde haviam partido (Atos 14:26).

Esta ficou conhecida como a primeira viagem missionária de Paulo, e deve ter durado cerca de dois anos. Nos anos seguintes, ele continuaria viajando extensivamente por todas as partes do império romano, pregando o Evangelho e instruindo os salvos, até finalmente ser martirizado no reinado de Nero.

A história destas viagens é emocionante, mas um detalhe quase não é mencionado no livro de Atos: Quem pagou por tudo isto? Viagens deste porte seriam muito dispendiosas. Quem pagou as passagens de navio? Quem pagou pela alimentação e hospedagens dos viajantes durante os longos meses em que permaneceram longe do lar?

Estas são perguntas importantes - e, ao contrário do que muitos possam pensar, a Bíblia dá-nos informações suficientes para respondê-las satisfatoriamente. O Novo Testamento mostra que havia três fontes diferentes que Deus usou para sustentar os Seus servos:

I. Os próprios pregadores

Começemos com aquilo que provavelmente seria mais contestado hoje em dia: os próprios pregadores trabalharam para garantir o seu sustento! Paulo disse aos anciãos da igreja em Éfeso: “*Vós mesmos sabeis que para o que me era necessário a mim, e aos que estão comigo, estas mãos me serviram*” (Atos 20:34-35). Lucas já havia registado esta atitude de Paulo também em Corinto: “*E como eram do mesmo ofício, ficou com eles [Áquila e Priscila], e trabalhava; pois tinham por ofício fazer tendas*” (Atos

18:3). Escrevendo aos Coríntios ele afirma a mesma coisa: “... *nos afadigamos, trabalhando com as próprias mãos*” (1 Coríntios 4:12).

2. Pessoas hospitaleiras

Em alguns lugares, pessoas tementes a Deus recebiam os pregadores nas suas casas (não só para uma refeição, mas para um período maior). Foi o que aconteceu em Filipos, por exemplo, onde Lídia hospedou Paulo e Silas por um tempo (Atos 16:15, 40), e o carcereiro os recebeu para cuidados médicos e para uma refeição (Atos 16:33-34).

3. Igrejas que contribuíram

Lídia e o carcereiro eram de Filipos; e foi esta mesma igreja que ajudou Paulo com ofertas em outras ocasiões. Escrevendo aos filipenses, ele fala de como aquela igreja lhe enviou ofertas quando ele estava em Tessalónica, pelo menos duas vezes (Filipenses 4:16); a epístola aos Filipenses é uma carta de agradecimento por uma oferta enviada pela igreja local, pela mão de Epafrodito (Filipenses 4:10-19).

Obviamente há muitos detalhes que gostaríamos de saber, mas o quadro geral é muito claro: Aqueles primeiros pregadores saíram confiando em Deus para sustentá-los. Às vezes Deus tocava no coração de uma pessoa hospitaleira, que os recebia em casa. Em outras situações, alguma igreja enviava-lhes uma oferta; e se ambas estas opções falhassem, os pregadores não tinham medo ou vergonha de fazer algum trabalho para pagar as suas despesas.

Alguém dirá: “Isto pode ter funcionado naqueles dias, mas o mundo mudou. Uma visão romântica e idealista como essa simplesmente não funcionaria nos dias de hoje”.

Em resposta a isto, devemos lembrar que, justamente quando agradeceu aos filipenses

pela oferta recebida, Paulo apresentou dois princípios que o orientavam nesta área, e que permanecem válidos até hoje:

1. Contentamento

Assim que agradece pela oferta recebida, ele é levado pelo Espírito Santo a acrescentar: “*Já aprendi a contentar-me com o que tenho... estou instruído, tanto a ter fartura, como a ter fome; tanto a ter abundância, como a padecer necessidade*” (Filipenses 4:11-12). Paulo passou fome - mas, em qualquer situação, estava satisfeito!

2. Discrção

Ao mencionar novamente a oferta deles (v. 14), ele acrescenta que nenhuma outra igreja o ajudou no início, a não ser os filipenses (vs. 15-16). E ele escreve não porque procura dádivas, mas porque deseja o crescimento deles (v. 17).

1 Coríntios 9 e 2 Coríntios 8 e 9, são capítulos que também ensinam muita coisa sobre “dar e receber” (a expressão usada em Filipenses 4:15). Mas os trechos citados acima devem ser suficientes para ensinar-nos que aqueles de nós que deixam para trás o seu emprego, empresa, ou outro vínculo humano de sustento para servirem a Deus não vão confiar nos seus irmãos para sustentá-los, mas confiarão no Senhor.

Se os recursos em determinada época forem escassos (e tenha a certeza que muitas vezes o serão), não iremos escrever aos irmãos pedindo ajuda — iremos clamar a Deus, de quem dependemos. Como Paulo, aprenderemos a trabalhar com o que temos, contentando-nos em qualquer situação, e jamais reclamando do que o Senhor nos deu. Em último caso, preferiremos pegar numa enxada para conseguir o pão diário, do que trazer vergonha





ao Evangelho por sugerir que o Senhor que nos chamou não tem poder para nos sustentar.

Há outro detalhe a ser considerado: Quem sabe se aquela escassez não é uma prova de Deus na minha vida? Se eu procuro a saída fácil, escrevendo cartas pedindo que outros assumam a responsabilidade pelas minhas despesas, posso estar perdendo a oportunidade de ver o livramento do Senhor na minha vida!

As considerações acima não são devaneios românticos e idealistas. São experiências práticas de incontáveis servos do passado e do presente. Homens como o bem-conhecido George Muller (se o leitor nunca leu uma das suas muitas biografias, procure fazê-lo; vai ser muito proveitoso), que durante anos manteve um orfanato sem nunca pedir um centavo. Passados quase setenta anos, ele disse: “Nenhum homem na Terra pode dizer que lhe pedi nem mesmo um centavo. Tudo veio em resposta à oração da fé”.

Mas como o servo vai ser sustentado se ninguém sabe da sua necessidade? O mesmo Muller disse: “Não há limites para o que Ele pode fazer. Tenho confiado n’Ele para um centavo; tenho confiado n’Ele para milhões; e nunca tenho confiado em vão”.

Irmãos, que jamais valorizemos o humano acima do divino! Que jamais troquemos as orações pelas cartas circulares, e a fé em Deus pela confiança nos irmãos! O servo sai para o campo missionário confiando na palavra escrita de Deus: *“O meu Deus... suprirá todas as vossas necessidades em glória, por Cristo Jesus”* (Filipenses 4:19). Deus tem honrado a Sua Palavra no passado, e provado que aqueles que n’Ele confiam terão tudo o que necessitam (não tudo o que desejam, nem tudo o que **acham** que precisam, mas tudo o que o Senhor sabe que precisam).

Há, é claro, o outro lado da moeda. As igrejas, e os irmãos individualmente, precisam ser ensinados e exortados a cumprir a sua parte neste plano. Deus sustenta - mas Ele o faz, normalmente, usando o Seu povo, e não os anjos. Temos deficiências, e precisamos despertar para a nossa responsabilidade como despenseiros. Mas Deus não está limitado pelas nossas faltas, e as falhas de alguns em contribuir não permitem que eu me afaste do modelo bíblico, confiando em homens, igrejas ou organizações.

Que possamos aprender a esperar somente em Deus, e a estarmos contentes em qualquer situação.

Coragem para dizer “NÃO”

Nas Escrituras encontramos vários exemplos de pessoas que ousaram dizer “não”. Pessoas que usaram a fé no meio duma geração incrédula onde a dignidade que possuíam falou mais alto. Podemos ser motivados por estes exemplos, que Deus deixou nas Escrituras, para aprendermos a dizer esta pequena palavra “não”.

Quando dizer não? Ao enfrentarmos uma situação em que a verdade da Palavra de Deus é confrontada e quando podemos comprometer o nosso testemunho pecando contra Deus. O nosso primeiro exemplo é um desses! Nem sempre um cristão segue este exemplo contido na Bíblia, num mundo onde quase tudo está sendo baseado em influências contra a Palavra de Deus, pois o ideal deles é a satisfação dos seus desejos. Tudo tem o seu começo nos erros pecaminosos, permitindo que o mundo faça parte da nossa vida. É chegada a hora de começarmos a dizer “não” para as coisas mundanas e dizer “sim” para as coisas de Deus.

Primeiro exemplo: a coragem de Vasti em dizer não (Ester 1:1-22)

Vejamos o drama entre um rei que se embriagou e uma rainha corajosa que disse não. O rei Assuero, melhor conhecido como Xerxes, era o rei da Pérsia que incluía 127 províncias “desde a Índia até a Etiópia” (Ester 1:1). Ele era um ditador déspota e arbitrário.

No início da nossa história, Xerxes era o hospedeiro de uma grande festa em honra dos príncipes e nobres das 127 províncias do seu reino. A rainha Vasti estava recebendo as esposas e acompanhantes na residência real. A celebração teve seis meses de duração e culminou com uma festa de seis dias, caracterizada de modo especial pelo grande consumo de vinho real. No fim dos dias daquela festa, “quando o rei estava alegre com vinho” (Ester 1:10), ele resolveu mostrar aos seus convidados a sua rainha.

Admirem a cena! O rei Xerxes sentado no centro da grande mesa real no salão de banquetes do palácio, ladeado por 127 bajuladores embriagados, todos príncipes e nobres. Durante uma semana comendo e bebendo sem parar. O rei já os impressionara



**Jeffrey
Arnold
Watson**

com a demonstração das “riquezas e glórias do seu reino” (Ester 1:4). O pavimento da sala de banquetes era de pórfiro, de mármore, de alabastro e de pedras preciosas, e todos estofados e cortinas da melhor e mais fina qualidade. Todos os copos eram de ouro, individualmente feitos para cada convidado com o seu nome. Uma fonte de água jorrava no salão com agradável perfume de flores. Escravas e eunucos passavam entre os convidados com instrução de lhes satisfazerem cada desejo. Pensemos um momento nesta situação! Será que devíamos ser encontrados num ambiente deste género? Devíamos estar lá para fazer a diferença? Tente responder a estas perguntas.

Xerxes embriagado, admirando a beleza do ambiente, sente o desejo de mostrar a beleza da sua esposa. Envia ordenanças para que ela colocasse a coroa real e viesse apresentar-se aos seus homenageados, todos embriagados.

Como disse no começo deste estudo, às vezes podemos passar por cima de verdades muito importantes e aqui está uma delas. Vasti pode ter tido as suas falhas, mas era uma mulher de princípios, que condenava a embriaguez. Apreciei muito a resposta dela. Quando foi exigida a sua presença, em horário inadequado, para entreter aqueles homens dominados pelo álcool, o que segundo ela estava errado, abalou a Xerxes e o seu reino quando lhe disse “não”. Este foi um dos maiores “nãos” de toda história e foi inspirado por Deus. Foi um “não” que abalou o império persa até as raízes. Ela poderia ter a sua cabeça decepada imediatamente por haver dito “não” ao rei.

Que exemplo corajoso para nós nestes dias cheios de tantas coisas erradas. Sim, mesmo no nosso meio, temos jovens que participam em

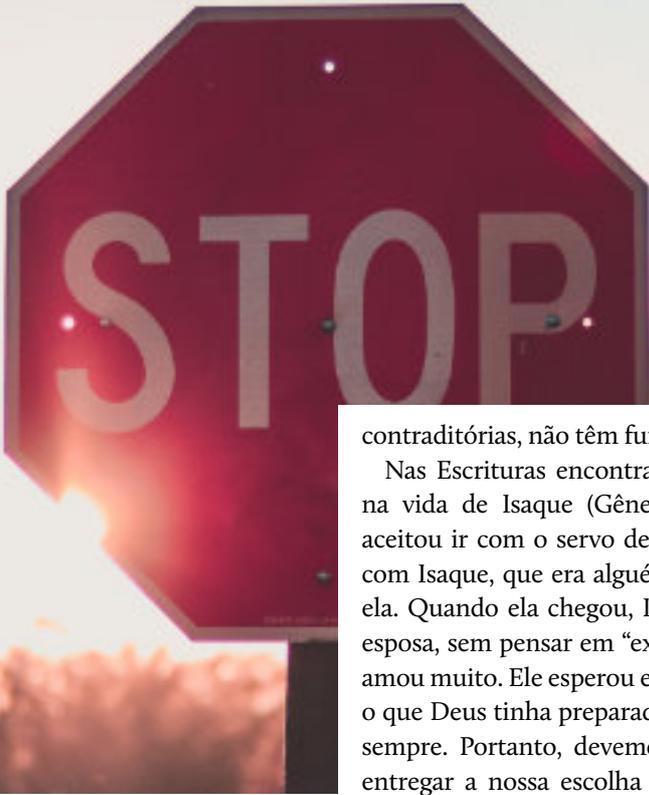
festas mundanas que com o tempo e insistência dos amigos destroem a sua juventude com vícios. É uma situação difícil ao ser chamado de “quadrado” ou antigo quando não se quer estar no meio deles. Então o que fazer?

Quando a rainha Vasti recebeu a ordem de sacrificar a sua honra perante um grupo importante da Pérsia, ela disse “não”. Preservando a sua honra e dignidade não dobrou perante a pressão do rei. Ela não recusou por causa dum espírito de revolta ou vingança, mas por causa do seu carácter e dignidade. Se também nós tivermos um carácter como o dela, pronto a dizer “não”, viveremos em dignidade e integridade por Aquele que nos chamou para sermos Seus seguidores.

“Não”, é apenas a uma palavrinha, mas que tem o mais alto eco. Ela separa os grandes homens e mulheres dos “pigmeus morais” deste mundo. Quando Cristo Jesus foi tentado o Seu “não” destruiu por completo o plano de satanás que queria evitar que Ele chegasse à cruz do Calvário. A Bíblia diz: “Resisti o diabo e ele fugirá de vós” (Tiago 4:7). Não existe nada igual ao um chocante “não” para derrotar o mundo, a carne e o diabo.

Pensemos sobre uma situação muito falada nos nossos dias. Não podemos escapar do facto de haver pessoas que crêem que casais podem ter experiências sexuais antes do casamento, e têm este conceito como correto, sob a alegação que têm medo de assumir um compromisso sem saber se dará certo. Então, entram num relacionamento para viverem juntos para ver se um dia poderão se casar. Um jovem disse: “quero que minha esposa seja virgem, mas quero saber antes se vai dar certo para depois chegar ao casamento”. As duas afirmações são





contraditórias, não têm fundamento.

Nas Escrituras encontramos a resposta certa na vida de Isaque (Gênesis 24:57-67). Rebeca aceitou ir com o servo de Abraão para casar-se com Isaque, que era alguém desconhecido para ela. Quando ela chegou, Isaque a tomou como esposa, sem pensar em “experimentá-la”, e ele a amou muito. Ele esperou em Deus e confiou que o que Deus tinha preparado para ele daria certo sempre. Portanto, devemos também esperar e entregar a nossa escolha nas Suas mãos. Diga “sim” para Deus e “não” para a imoralidade deste século.

Segundo exemplo: a coragem de José em dizer “não” (Gênesis 39)

O segundo “não” acontece no incidente ocorrido na vida do jovem José, que foi vendido por seus próprios irmãos e estava sózinho num lugar estranho. Apesar disso, ele recebeu um cargo muito importante (administrava a casa de Potifar, comandante da guarda). Este homem entregou tudo nas mãos de José e ele cuidava corretamente de tudo. Então veio o problema (inveja, ciúmes e tentações, sempre aparecem para destruir a felicidade).

José temia a Deus e cremos que nunca pensou que algo errado poderia acontecer no seu local de trabalho. Coloquemo-nos na posição de José! Ele estava longe da casa, sem amigos e de repente aparece uma situação que poderia ser muito agradável e ao mesmo tempo destruidora. Como resolveríamos?

A mulher de Potifar chamou-o para se deitar com ela. Foi aí que entrou a dignidade e integridade de José quando disse “não” ao pecado, virou as costas e fugiu daquela mulher tentadora, deixando-a furiosa. Observemos que o “não” de José foi bem definido e imediato, cortando de vez a tentação. A mulher queria vingança e por isso José sofreu uma consequência injusta, contudo ele foi fiel, leal e honrou o seu Deus.

Quantos casamentos, namoros, noivados e, acima de tudo, vidas foram destruídas por homens e mulheres porque não souberam dizer “não”. Notemos estes exemplos nas Escrituras e gravemo-los nos nossos corações se quisermos ser servos fiéis na Obra do Senhor. Em Salmos 16:8 lemos: “O Senhor, tenho-o sempre à minha

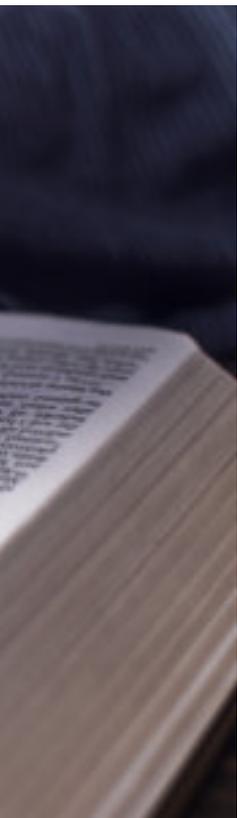
presença; estando Ele à minha direita não serei abalado”. Isto deve ser a verdade da nossa vida, lembrando sempre da presença e a proteção do nosso Deus.

José pagou um preço alto, mas no final foi recompensado por tudo, cumprindo o propósito que Deus tinha para a sua vida. Sim, foi posto na posição certa, sendo usado para garantia do futuro da sua própria família e do povo de Deus. Lembremos o que José disse em Gênesis 50:20 “... Vós na verdade intentastes o mal contra mim; porém Deus o tornou em bem, para fazer, como vedes agora, que se conserve muita gente em vida”. Se ele tivesse caído em pecado com a mulher de Potifar, seria impossível realizar o plano de Deus. José chegou a sustentar e governar o Egito, simplesmente porque disse “não”.

Esse tipo de tentação não vem de Deus, mas vem do inimigo (Tiago 1:13). Contudo a escolha de pecar ou não pecar é nossa, mesmo tendo o Espírito Santo presente, nos assistindo, fazendo-nos lembrar e nos motivando para dizer “não”. Lembremos o que diz a Palavra de Deus: “...o pecado, uma vez consumado, gera a morte” (Tiago 1:15). É tão bom saber que nada acontece além daquilo que podemos suportar, porque Deus sabe de todos nossos pontos fortes e fracos. Por isso, devemos seguir o conselho de Pedro, “lançando sobre Ele toda a vossa ansiedade, porque Ele tem cuidado de vós” (1Pedro 5:7).

É possível que José possa ter sentido momentos de tristeza ou desânimo quando tudo parecia perdido, mas com Deus no controle isto não foi verdadeiro. José logo assumiu responsabilidades dentro da prisão. Durante esse tempo Deus preparou-o para o serviço que deveria exercer no Egito. Há momentos assim nas nossas vidas, mas se perseverarmos na nossa confiança na Soberana Vontade de Deus, alcançaremos a vitória. A resposta Dele nem sempre vem na hora que queremos, porém na hora certa. Portanto, esperemos com paciência.

José foi recompensado primeiramente pelo carcereiro, e depois ao responder aos sonhos do copeiro e do padeiro, porque disse “não” no momento certo. Tentação não é pecado, mas cair em tentação é. Tenhamos a coragem de José em dizer “não”.



Terceiro exemplo: a coragem de Daniel em dizer “não” (Daniel 1, 3 e 6)

Depois de termos visto o “não” em dois assuntos visivelmente morais (Vasti e José), vamos mudar a nossa atenção para o lado menos visível, em que entra a questão de escolha do melhor dentro da vontade de Deus, mesmo que isto possa custar a própria vida. Temos neste livro maravilhoso de Daniel três ocasiões separadas em que foi dito “não”.

O primeiro capítulo relata que Daniel e seus amigos eram jovens de alta estirpe, porque foram escolhidos por causa da aparência e nível de instrução que tinham, por serem versados no conhecimento e por serem competentes para viverem no palácio do rei (Daniel 1:4). O rei determinou a comida com que eles deveriam ser mantidos durante três anos com os outros que foram escolhidos. Daniel tomou a imediata decisão de aceitar todas as regras que eram postas diante eles, mas ao serem oferecidas as iguarias e o vinho do rei, Daniel disse “não” em seu coração.

Deveria correr o risco de desobedecer à ordem do rei, mesmo sabendo que poderia resultar na sua morte? Antes de enfrentar o chefe dos eunucos ele entrou na presença de Deus em oração. Ele não era um fanático, tradicionalista ou quadrado, mas simplesmente um verdadeiro servo do Senhor, desejando fazer “o melhor”, agindo em união com seus amigos diante de Deus.

O versículo 9 diz que Deus concedeu a Daniel misericórdia e compreensão da parte do chefe dos eunucos. Sendo fiel a Deus, ele alcançou o favor do eunuco por um período de dez dias como teste, quando só comeriam legumes e água. Ao final dos dez dias estariam mais saudáveis e robustos que os demais? Sem dúvida que “sim”! Tanto Daniel como os seus amigos.

O que é que estamos comendo nestes dias? Podemos pensar em todos os alimentos a fim de sustentar o nosso ritmo de vida e saúde, mas, na realidade, devemos sempre estar pensando na alimentação mais importante para a nossa vida espiritual: “... nem só de pão viverá o homem, mas de tudo o que procede da boca do Senhor, disso viverá o homem” (Deuteronômio 8:3).

Daniel já tinha aprendido isso, vivendo da provisão de Deus. Lemos em Isaías 55 que o pão indispensável já foi providenciado para o nosso consumo, e sem preço. O preço já foi pago por nosso Salvador, e Ele mesmo nos diz isso em João 6:35 “... Eu sou o pão da vida; o que vem a mim, jamais terá fome; e o que crê em mim, jamais terá sede”.

Nos nossos dias são oferecidas muitas opções para nos ajudar no nosso crescimento espiritual, mas na realidade o melhor vem da própria Palavra de Deus. Busquemos e esperemos, sempre, a resposta de Deus.

Digamos “não” àquilo que não nos sustenta, e “sim” à nutrição maravilhosa que temos na Bíblia! Lembremo-nos do hino que diz:

“A Santa Bíblia que Deus nos tem dado, é manancial de verdade e de luz. Mina preciosa, tesouro sagrado, rota divina que a Cristo conduz”.

Com esta força divina, Daniel e os seus amigos puderam enfrentar tudo o que haveria de acontecer e saíram com a vitória, modificaram assim a sua geração. Notemos que Daniel ganhou o favor do chefe dos eunucos, não foi decapitado e foi promovido com os seus amigos. Deus dá honra a quem O honra.

Quando foi pedido para os três amigos de Daniel se dobrarem diante da estátua do rei, estes também tiveram a ousadia de dizer “não” e arcariam com as conseqüências pela decisão que tomaram: “Se o nosso Deus, a quem servimos, quer livrar-nos, ele nos livrará da fornalha e das tuas mãos, ó rei. Se não, fica sabendo, que não serviremos a teus deuses” (Daniel 3:17-18).

Notem que eles estavam dispostos a respeitar os desígnios e o querer de Deus. O resultado dessa tribulação foi uma vitória não somente para os três, mas para todo o reino e, especialmente, para o nosso Deus. Em Daniel 3:28-30, descobrimos o que rei Nabucodonosor disse: “Bendito seja o Deus de Sadraque, Mesaque e Abede-Nego, o qual enviou o seu anjo e livrou os seus servos, que confiaram nele e frustraram a ordem do rei, escolhendo antes entregar os seus corpos, do que servir ou adorar a deus algum, senão o seu Deus. Por mim, pois, é feito um decreto, que todo o povo, nação e língua que proferir blasfêmia contra o Deus de Sadraque, Mesaque e Abede-Nego, seja despedaçado, e as suas casas sejam feitas um monturo; porquanto não há outro deus que possa livrar desta maneira. Então o rei fez prosperar a Sadraque, Mesaque e Abede-Nego na província de Babilônia”. Que testemunho brilhante perante um rei pagão. O rei reconheceu que se tratava do Deus vivo.

Daniel também foi pressionado a se dobrar perante o rei Dario. Sabia que era proibido orar, mas ficou firme na sua confissão mesmo sabendo que o resultado seria a morte na cova dos leões. Quando o rei tentou mudar os seus pensamentos, Daniel disse “não”, então a sentença de morte foi dada. Deus então encarregou-se de livrá-lo e enviou o Seu anjo para protegê-lo. O nosso Deus tem prazer em proteger aqueles que são servos fiéis.

Finalizando, o que podemos resumir: que a Palavra de Deus vale muito mais para nós do que qualquer outro livro ou pensamento, e que Ele vai nos honrar se O honrarmos primeiro. Daniel, os seus amigos, e também José, confiaram nesta Palavra maravilhosa e não no conselho dos homens. Que Ele nos dê coragem de dizer “não” na hora certa e “sim” para Ele, em todas as circunstâncias das nossas vidas.

Que possamos demonstrar força e honra nas nossas vidas, e que cada um de nós possa tomar a nossa cruz e seguir o nosso Salvador, glorificando o Seu Nome cada dia mais!



Pastores à beira do abismo

Autópsia a uma morte anunciada



Samuel Trancoso

Eles estão mortos, embora ainda andem. Eles estão mortos emocionalmente. A sua visão e paixão estão mortas. A sua vida espiritual está a perder todos os sinais vitais. Eles estão completamente esgotados pelas pressões sufocantes da vida e do ministério. Muitos já morreram em relação à sua vocação e chamada. Outros estão a caminho e bem próximo desta triste realidade.

Autópsias não é um tema agradável para escrever e ler. Mas eu seria negligente se eu não compartilhasse contigo sobre o número de pastores que estão mortos no ministério. Tu precisas entender esta realidade. Tu precisas orar por eles. Tu precisas caminhar ao lado deles. Como estes pastores morreram? As suas autópsias descobriram oito padrões comuns. Alguns pastores manifestam quatro ou cinco deles. Muitos manifestam todos eles.

1. Eles disseram "sim" à maioria dos membros. Para evitar conflitos e críticas, esses pastores tentaram agradar a maioria dos membros da igreja. O caminho desses pastores não era sustentável. O seu caminho era insalubre, levando à morte.

2. Eles disseram "não" para as suas famílias. Para muitos desses pastores, as suas famílias tornaram-se uma reflexão tardia. Eles descuraram os seus. Muitos dos seus filhos agora estão crescidos e ressentem-se da igreja. Eles prometeram nunca mais voltar. Os seus cônjuges sentiram-se traídos, como se não fossem mais amados. Alguns destes pastores perderam as suas famílias pelo distanciamento e podem estar à beira do divórcio.

3. Eles ficaram demasiadamente ocupados para permanecerem na Palavra e na oração. Simplificando, eles ficaram muito ocupados na obra e esqueceram o Senhor da obra. Eles deixaram de perseverar na oração e no ministério da palavra. O relacionamento de intimidade com o Dono da igreja foi cortado.

4. Eles morreram uma morte lenta devida ao constante gotejar de críticas. Pastores são humanos. Sim, eu sei; isto é uma declaração óbvia. Às vezes esperamos que eles aguentem as constantes críticas dos membros como se eles fossem feitos de

granito. Mas um gotejar constante pode destruir até mesmo as rochas mais sólidas.

5. Eles foram atacados pelo cartel. Nem todas as igrejas têm cartéis, mas muitos o têm. Um cartel de igreja é uma aliança de valentões, de seguidores e imitadores de valentões, de cristãos carnais e até mesmo de não salvos, dentro da igreja. Eles pensam que são os "donos" da igreja mas não passam de lobos no meio do rebanho. O objetivo do cartel é poder. O seu obstáculo é o pastor. Muitos pastores morreram porque os cartéis os mataram.

6. Eles perderam a sua visão e a sua paixão. Esta causa de morte é tanto um sintoma como uma causa. Tal como a pressão arterial elevada é um sintoma de outros problemas, mas também pode ser a causa de morte. Pastores sem visão e sem paixão são pastores moribundos.

7. Eles procuravam agradar os outros antes de (e mais que) agradar a Deus. Pastores agradáveis às pessoas podem tornar-se rapidamente pastores moribundos. O problema é que ninguém nunca pode agradar a todos os membros o tempo inteiro. Se os pastores tentam, eles morrem.

8. Eles não tinham defensores na igreja. Imagine uma pessoa moribunda sem intervenção médica. Essa pessoa vai morrer. Imagine pastores sem membros que se ficarão de pé por (e ao lado de) desses líderes. Imagine pastores onde os membros são demasiadamente covardes para enfrentar os cartéis.

Se tu podes imaginar isto, então tu podes imaginar um pastor moribundo. A propósito, esta forma de morte é muitas vezes a mais dolorosa. O pastor está a morrer sem ter ninguém para o ajudar ou intervir. Muitas vezes vão para reuniões com outros colegas, mas nessas reuniões encontram um clima de competição e não de encorajamento. Alguns ainda são avisados por algum colega, mas o caminho tornou-se irreversível. Autópsias não são divertidas. Falar sobre morrer não é divertido. Mas se tu és um membro da igreja, tu podes ser uma parte da solução.

CRISTÃO E A CULTURA

HÉLDER SOARES + PAULO OLIVEIRA

CONGRESSO
NACIONAL DE
JOVENS
2022
4-6 NOV.
ESTARREJA
PORTUGAL

O Congresso Nacional de Jovens está de volta para a sua vigésima terceira edição, dos dias 4 a 6 de Novembro, e o tema escolhido para a edição de 2022 é O Cristão e a Cultura!

Queremos, com este tema, perceber como a cultura influencia o jovem cristão e responder a perguntas como: "O cristão precisa da cultura?" ou "A cultura tem o poder de nos moldar e de nos afastar cada vez mais de Deus?".

Para nos guiar neste assunto tão importante, iremos contar com os nossos queridos oradores Hélder Soares, da Igreja Evangélica de Aveiro, e Paulo Oliveira, da Igreja Evangélica de Guimarães. O CNJ irá realizar-se em Estarreja, no hotel Tulip Inn.

As inscrições feitas até dia 1 de Outubro tem o valor de 95€. A partir daí, o valor da inscrição acrescerá para os 100€, até 29 de Outubro, que é quando fecharemos as inscrições.

Para te inscreveres, basta aceder ao link <https://forms.gle/LnFZiPq18dYNj5sX8>

Informações adicionais serão postadas nas nossas redes sociais (facebook: [facebook.com/jovens.ciip.pt/](https://www.facebook.com/jovens.ciip.pt/) Instagram: @jovens.ciip)

